

GREGÓRIO DE MATOS

Poemas escolhidos

Seleção, prefácio e notas
José Miguel Wisnik

Copyright © 2010 by José Miguel Wisnik

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Carmen S. da Costa

Marise Leal

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Matos, Gregório de, 1636-1965.

Poemas escolhidos / Gregório de Matos ; seleção e organização José Miguel Wisnik. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1675-1

- I. Poesia brasileira I. Wisnik, José Miguel.
II. Título.

10-04821

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Tel. (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Nota do organizador

Salvo pequenas correções, ajustes e acréscimos pontuais, esta antologia da poesia de Gregório de Matos, com introdução e notas, é a mesma que se publicou pela Editora Cultrix em 1975. Nesses 35 anos muitas contribuições, inovações e disputas agitaram a fortuna crítica do autor. Permanece pouco alterado, no entanto, o quadro que motivou àquela altura o esforço de preparar esta seleção, a convite do saudoso poeta e editor José Paulo Paes: a falta de coletâneas acessíveis, capazes de introduzir o estudante e o leitor de literatura brasileira no conhecimento desse importante poeta do século xvii. Vale notar, também, que, passado esse longo tempo, continua irrealizada a necessária edição crítica da obra de Gregório de Matos.

Sumário

17 Introdução – *José Miguel Wisnik*

POESIA DE CIRCUNSTÂNCIA

I — SATÍRICA

- 41 Juízo anatômico dos achaques que padecia o corpo da República, em todos os membros, e inteira definição do que em todos os tempos é a Bahia
- 44 À cidade da Bahia
- 45 Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia
- 46 Contemplando nas cousas do mundo desde o seu retiro, lhe atira com o seu ápage, como quem a nado escapou da tormenta
- 47 Queixa-se o poeta da plebe ignorante e perseguidora das virtudes
- 48 À Bahia
- 49 Ao padre Lourenço Ribeiro, homem pardo que foi vigário da Freguesia do Passé
- 53 Descreve com mais individuação a fúria com que os estranhos sobem a arruinar sua República
- 62 À fome que houve na Bahia no ano de 1691

- 65 Benze-se o poeta de várias ações que observa na sua pátria
- 68 Redargui o poeta a doutrina ou máxima do bem viver, que muitos políticos seguem, de envolver-se na confusão de homens perdidos e néscios, para passar com menos incômodo esta humana vida
- 73 Queixa-se a Bahia por seu bastante procurador, confessando que as culpas, que lhe increpam, não são suas, mas sim dos viciosos moradores que em si alverga
- 97 Fingindo o poeta que acode pelas honras da cidade, entra a fazer justiça em seus moradores, sinalando-lhes os vícios, em que alguns deles se depravam
- 102 Define a sua cidade
- 104 Reprovações
- 108 Aos principais da Bahia chamados os caramurus
- 109 Ao mesmo assunto
- 110 Ao mesmo assunto
- 111 Conselhos a qualquer tolo para parecer fidalgo, rico e discreto
- 112 Ao mesmo sujeito pelos mesmos atrevimentos
- 113 Conselho para quem quiser viver na Bahia estimado, e procurado de todos
- 114 À despedida do mau governo que fez este governador
- 115 Retrato do governador Antônio Luís da Câmara Coutinho
- 120 Dedicatória extravagante que o poeta faz destas obras ao mesmo governador satirizado
- 123 A Pedro Álvares da Neiva, quando embarcou para Portugal
- 129 Marinícolas
- 137 Ao capitão José Pereira, por alcunha o “Sete Carreiras”, louco com caprichos de poeta, sendo ele ignorantíssimo
- 140 A um ignorante poeta, que por suas lhe mostrou umas décimas de Antônio da Fonseca Soares
- 141 Ao vigário da vila de São Francisco, que, por ser demasiado ambicioso, era muito malquisto dos fregueses
- 144 Ao mesmo com presunções de sábio, e engenhoso
- 145 Celebra o poeta (estando homiziado no Carmo), a burla que fizeram os religiosos com uma patente falsa de prior a frei Miguel Novelos, apelidado o Latino por divertimento em um dia de muita chuva

- 147 Ao desembargador Belchior da Cunha Brochado, chegando do Rio de Janeiro à cidade da Bahia, recorre o poeta, satirizando um julgador, que o prendeu por acusar o furto de uma negra, a tempo que soltou o ladrão dela
- 148 Ao ouvidor-geral do Crime que tinha preso o poeta (como acima se diz) embarcando-se para Lisboa
- 149 Epístola ao conde do Prado
- 155 Elege para viver o retiro de uma chácara, que comprou nas margens do dique, e ali conta, o que passava retirado
- 157 Responde a um amigo com as novidades que vieram de Lisboa no ano de 1658
- 158 Ao horroroso cometa que apareceu na Bahia, poucos dias antes da memorável peste chamada a “Bicha”, sucedida no ano de 1686
- 159 Pretende agora (posto que em vão) desenganar aos sebastianistas, que aplicavam o dito cometa à vinda do encoberto
- 160 Observações críticas sobre várias matérias, por ocasião do cometa aparecido em 1680
- 166 A certa personagem desvanecida
- 167 Regra de bem viver, que a persuasões de alguns amigos deu a uns noivos, que se casavam
- 169 Ao casamento de Pedro Álvares da Neiva
- 170 Ao casamento de certo advogado com uma moça mal reputada
- 171 A um livreiro que havia comido um canteiro de alfaces com vinagre
- 172 Finge o poeta o assunto para bem lograr esta poesia de consoantes forçadas
- 173 Descreve a vida escolástica
- 174 Descreve a confusão do festejo do Entrudo
- 175 Descreve a procissão de Quarta-Feira de Cinza em Pernambuco
- 176 Descrição da vila do Recife
- 177 Celebra a grande algazarra que fizeram na festa os estrangeiros brindando a Quitota, menina batizada, sendo no tempo da peste
- 178 Chegando o poeta à vila de São Francisco, descreve os divertimentos que ali passava, e em que se entretinha
- 179 A um vizinho dá conta o poeta em uma manhã de inverno, do que passava com o frio
- 180 Descreve o poeta uma jornada que fez ao Rio Vermelho com uns amigos, e todos os acontecimentos

- 188 Ao “Braço Forte” estando preso por ordem do governador Braço de Prata
(Antônio de Sousa Menezes)
- 192 Tomás Pinto Brandão estando preso por indústrias de certo frade: afomen-
tado na prisão por seus dois irmãos apelidados o Frisão e o Chicória, em
vésperas que estava o poeta de ir para Angola
- 193 Embarcado já o poeta para o seu degredo, e postos os olhos na sua ingrata
pátria, lhe canta desde o mar as despedidas
- 198 Descreve o que realmente se passara no reino de Angola, quando lá se acha-
va o poeta
- 199 Aos vícios

II — ENCOMIÁSTICA

- 205 Ao mesmo desembargador Belchior da Cunha Brochado
- 206 Ao bom governador Antônio Luís
- 208 Chegando à Bahia o arcebispo d. João Franco de Oliveira, que havia sido
bispo de Angola
- 209 Engrandece o poeta a ilha de Gonçalo Dias, onde várias vezes foi refugiado,
e favorecido do mesmo senhorio
- 210 Descreve a ilha de Itaparica com sua aprazível fertilidade, e louva de caminho
ao capitão Luís Carneiro, homem honrado e liberal, em cuja casa se hospedou
- 211 Ao provedor da Fazenda Real Francisco Lamberto fazendo na Ribeira o fa-
moso galeão *S. João de Deus*
- 212 A um Fulano da Silva, excelente cantor, ou poeta

POESIA AMOROSA

I — LÍRICA

- 215 Pondera agora com mais atenção a formosura de d. Ângela
- 216 Rompe o poeta com a primeira impaciência querendo declarar-se e temen-
do perder por ousado
- 217 Chora o poeta de uma vez perdidas as esperanças que teve de conseguir por
esposa a d. Ângela

- 218 Admirável expressão que faz o poeta de seu atencioso silêncio
- 219 Descreve com galharda propriedade o labirinto confuso de suas desconfianças
- 220 Outra imagem não menos elegante da matéria antecedente
- 221 Segunda impaciência do poeta
- 222 Pergunta-se neste problema qual é maior, se o bem perdido na posse, ou o que se perde antes de se lograr? Defende o bem já possuído
- 223 Defende-se o bem que se perdeu na esperança pelos mesmos consoantes
- 224 Chora um bem perdido, porque o desconheceu na posse
- 225 No fluxo e refluxo da maré encontra o poeta incentivo para recordar seus males
- 226 Enfada-se o poeta do escasso proceder de sua sorte
- 227 A uma saudade
- 228 Vagava o poeta por aqueles retiros filosofando em sua desdita sem poder desapegar as harpias de seu justo sentimento
- 229 Ao rio de Caípe recorre queixoso o poeta de que sua senhora admite por esposo outro sujeito
- 230 Namorado, o poeta fala com um arroio
- 231 A um penhasco vertendo água
- 232 Aos afetos, e lágrimas derramadas na ausência da dama a quem queria bem
- 233 Ao mesmo assunto e na mesma ocasião
- 234 Admirável expressão de amor mandando-se-lhe perguntar como passava
- 235 A uma dama dormindo junto a uma fonte
- 236 Ao pé daquele penhasco lacrimoso que já dissemos pretende moderar seu sentimento, e resolve, que a soledade o não alivia
- 237 Pintura admirável de uma beleza
- 238 Retrata o poeta as perfeições de sua senhora, à imitação de outro soneto que fez Filipe IV a uma dama, somente com traduzi-lo na língua portuguesa
- 239 Solitário em seu mesmo quarto à vista da luz do candeeiro porfia o poeta pensamentear exemplos de seu amor na barboleta
- 240 A uma freira que naquela casa se lhe apresentou ricamente vestida, e com um regalo de martas
- 241 Ratifica sua fidalga resolução tirando dentre salamandra, e barboleta o mais seguro documento para bem amar
- 242 Increpa jocosamente ao rapaz Cupido por tantas dilações

- 243 Sonho que teve com uma dama estando preso na cadeia
- 244 A uma dama, sobre um sonho amoroso que o autor teve com ela
- 245 Roga o poeta, à sua esposa, que suspenda o remédio das sangrias
- 246 Pondera que os desdêns seguem sempre como sombras o sol da formosura
- 247 Aos amores do autor com d. Brites
- 248 Responde o poeta a um mal considerado amigo, que o matraqueava de covarde nesta matéria
- 249 Compara suas penas com as estrelas muito satisfeito com a nobreza do símile. A primeira quadra não é sua
- 250 A peditório de uma dama que se viu desprezada de seu amante
- 251 Resposta a um amigo em matéria amorosa
- 252 Tornando o autor a renovar os amores com d. Brites, depois de ela se casar
- 253 Queixa-se uma freira daquela mesma casa, de que sendo vista uma vez do poeta, se descuidava-se de a tornar a ver
- 254 Terceira impaciência dos desfavores de sua senhora
- 255 Em louvor da mesma senhora Floralva
- 256 Continua o autor nas pretensões de Floralva, mandando-lhe pelos mesmos consoantes os três sonetos seguintes
- 257 Segue-se este segundo
- 258 Segue-se este terceiro
- 259 Responde Floralva aos três sonetos retros, do autor, com outros três também pelos mesmos consoantes: estes são os três dela
- 260 Segunda resposta de Floralva. Pelos mesmos consoantes
- 261 Terceira resposta de Floralva. Pelos mesmos consoantes
- 262 A Floralva, dama que conheceu o poeta em Pernambuco
- 263 De uma festividade pública onde a todos dava que sentir, se ausentou Floralva a divertir-se nas ribeiras do Capibaribe, onde tinha seus empregos
- 264 Saudosamente sentido na ausência da dama a quem o autor muito amava
- 265 A mesma dama ausentando-se do poeta desdenhosamente
- 266 A Florenciana, mãe de Floralva dama pernambucana
- 267 Segue neste soneto a máxima de bem viver, que é envolver-se na confusão dos néscios para passar melhor a vida
- 268 A um amigo retirando-se da cidade
- 269 Tentado a viver na soledade se lhe representam as glórias de quem não viu, nem tratou a corte

- 270 Continua o poeta em louvar a soledade vituperando a corte
271 A umas saudades

II — ERÓTICO-IRÔNICA

- 275 A uma freira, que satirizando a delgada fisionomia do poeta lhe chamou
“Pica-flor”
- 276 Às religiosas que em uma festividade, que celebraram, lançaram a voar vá-
rios passarinhos
- 277 A Floralva, uma dama em Pernambuco
- 278 Terceiro pique à mesma dama
- 280 A uma freira que lhe mandou um mimo de doces
- 281 Ao mesmo assunto e pelo mesmo motivo
- 282 À mulata Vicência, amando ao mesmo tempo três sujeitos
- 283 Finge que visita duas mulatas, mãe e filha, presas por um Domingos Cardo-
so, de alcunha o “Mangará”, que tratava com uma delas, pelo furto de um
papagaio. Fala com a mãe
- 284 Fala agora com a filha da sobredita, chamada Bartola
- 285 A uma dama com dor de dentes
- 286 Tendo Brites dado algumas esperanças ao poeta se lhe opôs um sujeito de
poucos anos, pretendendo-a por esposa, razão por onde veio ela a desviar-
-se, desculpando-se por ser já velho
- 287 Necessidades forçosas da natureza humana
- 288 Desaires da formosura com as pensões da natureza ponderadas na mesma
dama
- 289 Ao mesmo capitão sendo achado com uma grossíssima negra
- 291 A umas freiras que mandaram perguntar por ociosidade ao poeta a defini-
ção do Priapo e ele lhes mandou definido, e explicado nestas
- 296 Mote
- 298 Vendo-se finalmente em uma ocasião tão perseguida esta dama do poeta,
assentiu no prêmio de suas finezas: com condição porém, que se queria pri-
meiro lavar; ao que ele respondeu com a sua costumada jocoseria
- 301 Definição do amor

POESIA RELIGIOSA

- 313 A Jesus Cristo nosso senhor
- 314 A Cristo S. N. crucificado estando o poeta na última hora de sua vida
- 315 A N. Senhor Jesus Cristo com atos de arrependido e suspiros de amor
- 316 Buscando a Cristo
- 317 Ato de contrição, depois de se confessar
- 320 Ao Divino Sacramento
- 323 Considera o poeta, antes de confessar-se, na estreita conta, juízo tremendo e vida relaxada
- 326 Achando-se um braço perdido do Menino Deus de N. S. das Maravilhas, que desacatarem infiéis na Sé da Bahia
- 327 No sermão que pregou na Madre de Deus d. João Franco de Oliveira pondera o poeta a fragilidade humana
- 328 No dia de Quarta-Feira de Cinzas
- 329 À perfeição do santo exercício da Via Sacra, feito com boa devoção
- 330 Ao misterioso epílogo dos instrumentos da Paixão recopilado na flor do maracujá
- 331 A Nossa Senhora do Rosário em uma academia que fez o poeta
- 332 A uma fonte que nasceu milagrosamente ao pé de uma capela de N. Senhora das Neves na Freguesia das Avelãs
- 333 A Conceição Imaculada de Maria Santíssima
- 334 A Conceição Imaculada de Maria Santíssima
- 335 À morte da augusta senhora rainha d. Maria, Francisca, Isabel de Saboia, que faleceu em 1683
- 336 Moraliza o poeta nos Ocidentes do Sol a inconstância dos bens do mundo
- 337 Moraliza o poeta seu desassossego na harmonia incauta de um passarinho, que chama sua morte a compassos de seu canto
- 338 A Maria dos Povos, sua futura esposa
- 339 Terceira vez impaciente muda o poeta o seu soneto na forma seguinte
- 340 Desenganos da vida humana metaforicamente
- 341 Ao mesmo assunto
- 342 Ao mesmo assunto
- 343 A Francisco Pereira de Azevedo nascendo-lhe um neto na mesma hora em que lhe morreu uma neta

- 344 À morte de d. Teresa, formosíssima donzela, uma das três celebradas filhas
de Vasco de Sousa Paredes
- 345 À morte de Afonso Barbosa da Franca, amigo do poeta
- 346 Ao mesmo assunto
- 347 A Manuel Ferreira de Veras nascendo-lhe um filho, que logo morreu, como
também ao mesmo tempo um seu irmão, e ambos foram sepultados juntos
em N. Senhora dos Prazeres
- 348 À morte da excelentíssima portuguesa d. Feliciano de Milão, religiosa do
Convento da Rosa
- 349 Ao mesmo assunto
- 350 Pretende o poeta moderar o excessivo sentimento de Vasco de Sousa Pare-
des na morte da dita sua filha
- 351 Ao Dia do Juízo
- 352 Descreve um horroroso dia de trovões
-
- 353 Índice de primeiros versos
-
- 357 Sobre o autor
- 357 Sobre o organizador

POESIA DE CIRCUNSTÂNCIA

I

SATÍRICA

Juízo anatômico dos achaques que padecia o corpo
da República, em todos os membros, e inteira
definição do que em todos os tempos é a Bahia

EPÍLOGOS

1

Que falta nesta cidade? Verdade.

Que mais por sua desonra? Honra.

Falta mais que se lhe ponha? Vergonha.

O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

2

Quem a pôs neste socrócio?¹ Negócio.

Quem causa tal perdição? Ambição.

E o maior desta loucura? Usura.

Notável desventura
De um povo néscio, e sandeu,
Que não sabe que o perdeu
Negócio, ambição, usura.

1. *socrócio*: Afrânio Peixoto grafava *rocrócio*. Num dos apógrafos vem *socrócio*. Na primeira hipótese, *rocrócio* (?), isto é, retrocesso; na segunda hipótese, *socrócio*, criado por necessidade de eco com *negócio*, de *socrestar* (?), furtar, rapinar (a nota é de Antonio Soares Amora).

3

Quais são os seus doces objetos? Pretos.
Tem outros bens mais maciços? Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos? Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,
Dou ao demo a gente asnal,
Que estima por cabedal
Pretos, mestiços, mulatos.

4

Quem faz os círios mesquinhos? Meirinhos.
Quem faz as farinhas tardas? Guardas.
Quem as tem nos aposentos? Sargentos.

Os círios lá vêm aos centos,
E a terra fica esfaimando,
Porque os vão atravessando
Meirinhos, guardas, sargentos.

5

E que justiça a resguarda? Bastarda.
É grátis distribuída? Vendida.
Que tem, que a todos assusta? Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa
O que El-Rei nos dá de graça,
Que anda a justiça na praça
Bastarda, vendida, injusta.

6

Que vai pela clerezia? Simonia.
E pelos membros da Igreja? Inveja.
Cuidei que mais se lhe punha? Unha.²

2. *unha*: aqui, com o sentido de roubalheira.

Sazonada caramunha³
Enfim, que na Santa Sé
O que mais se pratica é
Simonia, inveja, unha.

7

E nos Frades há manqueiras?⁴ Freiras.
Em que ocupam os serões? Sermões.
Não se ocupam em disputas? Putas.

Com palavras dissolutas
Me concluí, na verdade,
Que as lidas todas de um Frade
São freiras, sermões, e putas.

8

O açúcar já se acabou? Baixou.
E o dinheiro se extinguiu? Subiu.
Logo já convalesceu? Morreu.

À Bahia aconteceu
O que a um doente acontece,
Cai na cama, o mal lhe cresce,
Baixou, subiu, e morreu.

9

A Câmara não acode? Não pode.
Pois não tem todo o poder? Não quer.
É que o governo a convence? Não vence.

Quem haverá que tal pense,
Que uma Câmara tão nobre,
Por ver-se mísera e pobre,
Não pode, não quer, não vence.

3. *sazonada caramunha*: experimentada lamentação (Amora).

4. *manqueiras*: claudicação; no texto, deslize moral.